
Tradução e notas de Elliot Scaramal
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
santovichscaramal@gmail.com

Algo é como A, B ou C.

Se *N* não é *A*, não é *B*, não é *C* e assim por diante, *N* será chamado de *Nada*.

É isso o que se pretende expressar quando vulgarmente se diz que do Nada nada é um atributo.

É então patente daí que para definir Termos Simples às vezes é preciso supor proposições.

Proposição simples: A é B, onde *A* é dito o *sujeito*, *B* o *predicado* e *é* a *cópula*.

Proposição condicional: Se A é B, C é D, onde a proposição *A é B* é dita o *antecedente* e a proposição *C é D* é dita o *consequente*.

Uma *proposição simples é verdadeira* se o predicado está contido no sujeito, isto é, se, uma vez resolvidos os termos *A* e *B* (o que se faz substituindo-os por outros termos equipolentes mais distintos), aparece que o valor ou o conceito do predicado está contido no conceito do sujeito. De onde Aristóteles também costuma dizer que o predicado está no sujeito.

Uma *proposição condicional é verdadeira* se o consequente está contido no antecedente, isto é, se, uma vez resolvidos os termos tanto do antecedente quanto do consequente, aparece que o consequente está contido no antecedente, ou seja, que quem enuncia o valor do antecedente enuncia, por isso mesmo, o consequente ou o valor do consequente, embora possamos às vezes enunciar no antecedente algo mais amplo.

Primeira consequência absoluta: A é B. B é C. Logo, A é C. Ou seja, se C está em B e B em A, C estará em A.

Primeira consequência Hipotética: Se A é B, C é D. Ora, A é B. Logo, C é D.

¹ “NOTATIONES GENERALES”. O texto latino é retirado da edição da academia, LEIBNIZ, G.W. (1999) *Sämtliche Schriften und Briefe*. Sechste Reihe. Vierter Band. Akademie Verlag, pp. 550-557, publicada pela *Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaften* e pela *Akademie der Wissenschaften in Göttingen*. O texto (N. 131 do volume em questão) é datado na edição como tendo sido redigido provavelmente entre o verão de 1683 e o início de 1685, baseado especialmente em uma marca d'água compartilhada com os textos N. 134 e N. 136 do mesmo volume, assim como em uma referência a N. 132.

² [Nota do Autor] Por letras entendo Termos concretos, por proposições entendo Universais, a não ser onde indicado o contrário.

Se A é B e B é A , então A e B são chamados *idênticos*. Ou A e B são *idênticos* se podem ser substituídos em todo lugar um pelo outro (exceto naqueles casos em que não se trata da coisa, mas do modo de conceber, onde certamente diferem. Assim, *Pedro* e *Apóstolo que negou Cristo* são idênticos e um termo pode ser substituído no lugar do outro, a não ser quando considero o próprio modo de conceber, o que alguns chamam de [modo] reflexivo, por exemplo, quando digo *Pedro enquanto foi o Apóstolo que negou Cristo pecon*, claramente não posso substituir *Pedro*, ou seja, não posso dizer *Pedro enquanto foi Pedro pecon*).

Se B é A e C é A , mas B e C são idênticos, então diz-se que não há senão *Um* A , mas se B e C , no entanto, não forem idênticos, há *vários* A . É patente assim que as definições de *Um* e de *vários* supõem as definições de idêntico e de diverso como definições dos mais simples.

Se B é A , C é A , mas B e C não são idênticos, diz-se que há *dois* A . Se, além disso, se acrescentar que D é A e que nenhum desses, B , C ou D , é idêntico um ao outro, dir-se-á que há *três* A e assim por diante.

Essa definição parece conflitar com o Símbolo, atribuído a Santo Atanásio, onde se diz que o *Pai é Deus, o filho é Deus, o Espírito Santo é Deus e o pai não é filho, nem Espírito Santo, e o Filho não é pai, nem Espírito Santo, e o Espírito Santo nem é pai, nem é filho*, (isto é, nenhum dos três é idêntico um ao outro) e, no entanto, não há três, mas apenas um. Onde se deve admitir que se Deus estiver sendo tomado exatamente no mesmo sentido quando se diz *o pai é Deus*, etc., e quando se diz *Deus é Um*, certamente ou se está incorrendo em uma contradição manifesta ou se deve mudar o conceito de um e de vários recebido dos homens, o que seria não explicar o mistério, mas burlá-lo. Deve-se, portanto, ter em mente que quando se diz que *Deus é Um*, Deus é entendido absolutamente ou, como dizem vulgarmente, tomado essencialmente, do qual há três pessoas em uma única essência em número, mas quando se diz que *o Pai é Deus, o Filho é Deus*, etc., Deus não é tomado absolutamente, contendo todas as pessoas ou sendo trino em pessoas, pois não se pode dizer nem que o pai nem que o filho é trino em pessoas. Deus é aqui entendido relativamente ou, como dizem, pessoalmente tomado, ou seja, como uma única pessoa da divindade. Dessa maneira, a Santíssima Trindade não conflita com o princípio de que idênticos a um terceiro são idênticos entre si, pois quando se diz que pai e filho são idênticos a Deus, *Deus* nem significa um Deus triuno, nem significa uma pessoa da Divindade, mas se está dizendo antes que um só e mesmo Deus é partícipe da mesma essência divina idêntica em número.

Se a mesma coisa for B , C e também D , etc., porque é A , ou se o termo A envolve todos os termos B , C e D , etc., que podem ser ditos acerca de uma mesma coisa, o termo A exprime a própria *substância singular*, ou seja, o conceito da substância singular é um termo completo, contendo tudo o que pode ser dito acerca daquela. Assim, se alguém for robusto, cálido, douto, Rei, líder de um exército, vencedor da batalha de Arbela, e outras coisas do tipo que são ditas de Alexandre, o

Grande; certamente Deus, intuindo a essência singular de Alexandre, o Grande, verá algum conceito completo no qual tudo isso está por excelência contido, ou seja, do qual tudo isso se segue. De *robusto* não se pode inferir *Rei*, nem *vencedor* de *líder*, mas do conceito de Alexandre se infere tanto *robusto* quanto *rei*, *líder* e *vencedor*. E de fato é manifesto que haja um tal conceito pela definição de proposição verdadeira há pouco explicada. Já que quando dizemos que *Alexandre é robusto*, nada queremos dizer senão que robusto está contido na noção de Alexandre e o mesmo vale para todos os outros predicados de Alexandre.

Ademais, daí se segue que singulares são na verdade Espécies ínfimas, que não pode haver dois singulares em tudo semelhantes e, portanto, que o princípio de individuação sempre é alguma diferença específica, o que São Tomás dizia acerca das inteligências, mas o mesmo é verdadeiro acerca de quaisquer indivíduos. Notemos, no entanto, que quando digo que os homens diferem em ínfima espécie, não entendo (como vulgarmente se faz) pelo nome de espécie alguma tribo de coisas que geram coisas semelhantes a elas mesmas, como uma espécie de homem, de cães, de rosas (embora essa noção não seja suficientemente clara e se poderia duvidar se lobos e cães, molossos e cãezinhos malteses diferem em espécie). Tampouco entendo pelo nome de espécie um universal ou um termo composto de um número finito de termos, mas sim um termo cujo peculiar é um conceito diverso do conceito das outras coisas. E certamente não se pode negar que os conceitos de Alexandre, o Grande, e de Júlio César diferem e que podemos inferir muitas coisas tanto do conceito desse quanto do daquele. Todavia, se alguém quiser ou puder definir espécie de modo que essa expressão não possa ser atribuída a singulares, não quero discutir com tal pessoa sobre o uso das palavras. Basta que eu tenha dito que não pode haver dois singulares em tudo semelhantes, por exemplo, dois ovos, pois é necessário que algumas coisas possam ser ditas sobre um que não podem ser ditas do outro. Do contrário, eles poderão ser substituídos um pelo outro e não haverá razão pela qual não se poderia dizer que são um e o mesmo. Se coisas diversas têm predicados, certamente os conceitos nos quais esses predicados inerirão também serão diferentes. E a partir disso muitas coisas grandiosas também se seguem na Física que ninguém agora é capaz de prever com facilidade.

Substância Universal significa uma substância singular qualquer que tenha algo determinado em comum, de modo que quando eu digo *homem*, entendo uma substância singular qualquer que tenha um corpo orgânico e que usa a razão.

No entanto, parece que ainda se deve explicar por que se diz que Homem é uma substância e que quente é um acidente, quando nada impede que entendamos por quente uma Substância singular qualquer quente. E, de fato, admito que investigações desse tipo são reflexivas e não são de grande importância para a filosofia, mas se alguém julgar que vale a pena, essas segundas noções tendo sido estabelecidas precisamente, diremos que *quente* é adjetivo, ou seja, é preciso acrescentar

algo para completar o sentido, a saber, *sujeito quente, substância quente*. Mas *Homem* é substantivo e quando se diz *Homem*, já temos um sujeito envolvido, e não se pode acrescentar um [sujeito] sem incorrer em uma tautologia, pois se diz em vão *sujeito homem*, mas seria, por outro lado, correto dizer *sujeito humano* ou *dotado de humanidade*. Tampouco vejo o que impediria que, assim como se diz *homem*, isto é, *coisa dotada de humanidade*, e *cabeçudo*, isto é, *coisa dotada de cabeça grande* ou *animal capitoso*, também se pudesse dizer *calorudo* ou *coisa quente*, se o uso ou analogia da linguagem assim suportar. E calorudo, tainha, cabeçudo, narigudo são substâncias tanto quanto homem, embora não haja tribo ou espécie propagável própria dos narigudos, assim como há a dos homens, pois aqui não tomamos espécies fisicamente, mas sim em geral.

Por outro lado, uma Substância Singular é aquilo que não pode ser dito de outro. Ou seja, se uma substância singular for dita de algo, esse algo será idêntico à mesma. Com efeito, se se pode inferir, simplesmente a partir do fato de que *A é B*, que *B também é A*, ou seja, que *B e A* são o mesmo, se diria que *A* ou *B* é uma *substância singular*, isto é, uma coisa subsistente por si, como quando dizemos *Pedro é o Apóstolo que negou Cristo*, pois consta que não há senão um único tal Apóstolo, ou seja, daí se pode também inferir conversamente que *o Apóstolo que negou Cristo é Pedro* e assim, o Apóstolo que negou Cristo será uma pessoa ou substância singular.

A distinção entre Ente real e aparente e entre qualidade real e aparente é digna de ser examinada. E, de fato, chamamos de falsidades ou aparências as coisas que aparecem nos sonhos, não tanto porque suas causas estão em nós ou porque não há nada de externo que corresponda a elas (pois eu diria que isso às vezes em nada obsta), mas antes porque as coisas que sonhamos nem concordam entre si, nem com outros fenômenos que são concordantes entre si. Acredito que se possa dizer que o arco-íris e outras imagens refletidas do gênero são fenômenos reais, assim como Entes por agregação, como uma pilha de madeira ou um exército, pois um arco-íris é um agregado de gotas que, estando juntas ao mesmo tempo, produzem certas cores que aparecem para nós. Qualidades aparentes são aquelas que não estão nas coisas absolutamente, mas sim enquanto essas nos afetam. Dessa maneira, dependendo de como estarão dispostas as minhas mãos, a mesma água parecerá fria, morna ou quente. Mas isso está realmente na água, na medida em que ela foi feita de modo a ser apta a produzir essa sensação em mim, estando eu disposto dessa maneira. Assim, o arco-íris é de realidade diminuída por uma dupla razão, uma vez que não só ele é um Ente por agregação das gotas, como também as qualidades pelas quais ele é conhecido são aparentes ou ao menos daquele gênero das coisas reais que são relativas aos nossos sentidos. De resto, mostrarei em seu devido lugar que todos os corpos nos quais não há nenhuma Alma ou forma substancial são somente aparências, à maneira dos sonhos, e não têm qualquer natureza certa e determinada; Assim como todos os atributos desse tipo dos corpos não são senão fenômenos destituídos de um

sujeito. De onde se segue que ou bem corpos não são Entes reais ou bem todos os corpos são de algum modo animados.

Também é necessário examinar de que maneira um *Ente por agregação*, como um exército, ou mesmo uma multidão desordenada de homens, seria Um e de que maneira a sua unidade e realidade diferiria da unidade e realidade de algum homem, essa distinção devendo ser principalmente considerada nos atributos e operações. Uns atributos são ditos igualmente do todo e das partes, como que o exército ocupou as planícies de Maratona, o que também é verdadeiro de cada um dos soldados; outros podem ser ditos apenas do todo, como que o exército é de trinta mil, ou que está disposto na formação lunar; mas todos esses atributos podem ser enunciados e exprimidos mesmo quando a multidão não é tomada como uma, assim posso dizer que há trinta mil soldados presentes e que um soldado está situado em relação ao outro da maneira como requer a figura da formação à qual nos referimos, isto é, evidentemente, de modo que alguns distem em tal e tal medida e outros em tal e tal medida de algum ponto fixo. Mas aquilo que no homem torna aquelas partes um tem atributos que não podem ser expressos sem esse vínculo, a saber, a faculdade de sentir e a de desejar. Porém, o que é mais importante é que o Exército precisamente tomado não é o mesmo por um momento sequer, pois nada nele é real que não resulte da realidade das partes das quais ele é agregado; uma vez que toda a sua natureza consiste em número, figura, relação e coisas do gênero, tendo uma vez mudado, ela não é a mesma, mas a Alma Humana, por outro lado, tem sua própria realidade, de tal maneira que a mesma não possa cessar de existir juntamente com as partes mudadas do corpo.

Uma coisa pode permanecer a mesma ainda que mude se a partir da sua própria natureza se seguir que a mesma coisa deva ter sucessivamente estados diversos. Diz-se, claro, que eu sou o mesmo que era antes porque minha substância envolve todos os meus estados passados, presentes e futuros e isso não impede que coisas contraditórias sejam ditas de mim, pois essa é a própria natureza do tempo, podendo haver, em tempos diversos, contraditórios verdadeiros de uma mesma coisa.

Mudança é o agregado de dois estados contraditórios. Todavia, esses estados devem ser necessariamente entendidos como imediatos, já que, entre contraditórios, *tertium non datur*.

Paixão é a mudança que diminui a perfeição. Ação é a mudança que a aumenta ou conserva.

Perfeição, por sua vez, é a pura realidade ou aquilo que é positivo ou absoluto nas essências. Por outro lado, a imperfeição consiste na limitação.

Pode-se duvidar se a mudança poderia ser atribuída a Deus; e certamente a mudança que envolve uma imperfeição não pode ser atribuída a Deus, mas a variação, ou seja, ter predicados

opostos, não pode ser dele negada, assim Deus está hoje produzindo o que ele por certo não produziu há mil anos atrás, mas que ele havia de produzir.

Assim como o princípio de individuação é a diferença específica, também o princípio da Existência é a Essência das coisas. De fato: Toda essência ou realidade exige a existência da mesma maneira como todo esforço exige o movimento ou efeito, a não ser, claro, que algo o impeça. E todo possível não apenas envolve Possibilidade, mas também um esforço em ato para existir, não como se as coisas que não existem tivessem um esforço, mas porque assim requerem as ideias das essências, existentes em ato em Deus, depois do que Deus decidiu livremente escolher o que é mais perfeito. Portanto, da mesma maneira que, em uma balança, cada peso em seu próprio prato se esforça e persevera de acordo com o módulo de sua gravidade e exige uma descida, a não ser que seja impedido, vencendo ao fim aquele que for mais pesado, também cada coisa aspira à existência de acordo com a sua perfeição, a obtendo aquela que é mais perfeita. Da mesma maneira, todo possível existe a não ser que impeça a existência de algo mais perfeito. A partir disso é patente que as Essências das coisas dependem da natureza divina e as existências, por sua vez, da vontade divina; pois elas não podem obter sua existência a partir de sua própria força, mas somente pelo decreto de Deus.

A causa do mal é a imperfeição original das coisas ou a limitação das criaturas, de modo que a perfeição da qual as coisas são capazes não poderia ser obtida senão por meio de intervenções de culpa e de castigo, exatamente como algumas coisas só podem ser obtidas se linhas e movimentos incomensuráveis forem adotados. Enquanto isso, deve-se levar em consideração que os pecados não são maus senão para aqueles que pecam e que, para os outros, eles se tornam um bem maior.